

ADOÇÃO NO BRASIL: Discussões Sobre o Grupo de Apoio

Carla Caroline Carvalho Leal

Graduanda em Psicologia,
Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

Luiz Gustavo Soares dos Santos

Graduando em Psicologia,
Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

Vitória Gomes Royo da Silva

Graduanda em Psicologia,
Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

Anatiele Paula de Souza

Psicóloga – FEPI; Esp. em Psicopedagogia Clínica e Institucional – UCAM;
Docente das Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

André Masao Peres Tokuda

Mestre em Psicologia e Sociedade – UNESP;
Docente das Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

Laiana Tiemi Kawashima

Graduada em Psicologia
Docente das Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

RESUMO

O presente artigo propõe uma compreensão acerca da adoção, relatando resultados obtidos dentro do grupo de apoio a adoção. A adoção juridicamente legalizada no Brasil ainda passa pelo processo de reconhecimento social e é cercado de dúvidas e preconceitos sobre a decisão do ato e a dinâmica familiar entre pais e filhos. Um dos principais meios de combater estes tabus e sanar as dúvidas pode ser feito através do levantamento de informações científicas sobre o assunto. O grupo de apoio à adoção é um espaço onde todos podem debater suas opiniões, compartilhar experiências, trabalhar sentimentos e emoções, possibilitando uma reflexão sobre os assuntos pertinentes a adoção, onde profissionais mediam e explicam o processo de forma legal e prática, preparando os candidatos para lidarem com a espera. Para a realização das atividades foram utilizadas dinâmicas, discussão em grupo, palestras por meio de um embasamento teórico. Trabalhando os seguintes temas: “Desejo, motivação luto e adoção” e “Revelação”.

PALAVRAS-CHAVE: Adoção; Psicologia Jurídica; Grupo de apoio.

1 INTRODUÇÃO

A adoção é um ato legalizado e demarcado no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), no qual traz a necessidade de equipe multiprofissional dentro das instituições que lidam com essa temática (BRASIL, 1990). É recente ainda a ideia do aparato jurídico nos casos de adoção, antes havia a ideia de “adoção à brasileira”,

que seria o reconhecimento de paternidade de uma criança alheia, sem passar por processos jurídicos, como exemplo, se registrar enquanto pai do filho de uma pessoa conhecida por ela não ter condições de cuidar da criança, uma prática ilegal e ainda comum no país. Por essa cultura ainda temos no Brasil dificuldades em trabalhar a questão da adoção de forma responsável.

Com base no ECA, entende-se que a Psicologia e o Serviço Social tem como tarefas dentro do processo de adoção realizarem avaliações com o(a)s pretendentes, a fim de que se consiga minimizar o riscos para as crianças e o(a)s adolescentes quando adotado(a)s. No entanto este(a)s profissionais não precisam apenas realizar o exame, mas podem ajudar na reflexão sobre a questão com essas pessoas, pois muitas vezes não conseguem pensar pontos importantes sobre a adoção, como a questão do luto (pela perda de um(a) filho(a) ou infertilidade), a construção de um(a) filho(a) ideal e/ou a próprio desejo por adotar (PAIVA, 2005).

Essa escuta é importante para que o(a) pretendente mostre a sua verdade sobre a adoção, que trabalhe suas questões internas para com isso estar apto para tornar-se pai/mãe. A avaliação psicológica deve servir para este momento de reflexão junto as pessoas que desejam adotar, problematizando o desejo, objetivos e justificativas para o ato de adotar, com isso tendo maior ideia do real motivo para a adoção (PAIVA, 2005).

Devido às inúmeras abordagens psicológicas não tem como traçar um perfil de como deveria e é a atuação do(a)s psicólogo(a)s nessa área, pois o referencial teórico do(a) perito(a) irá influenciar em seu modo de avaliar, podendo priorizar pontos que outro(a)s não discutiriam. Por exemplo, quando se parte da psicanálise, a leitura que o(a) profissional pode priorizar são as falas do(a)s pretendentes e não questões de dados e estrutura familiar, que podem ser pontos mais importantes para um(a) psicólogo(a) de outra linha (PAIVA, 2005).

São utilizadas de cinco a seis entrevistas por processo, podendo ser com o casal (quando assim for), ou de forma individual, devido ser necessário o entendimento de cada um(a) em relação a adoção. Se o(a) pretendente tiver filho(a) é importante conversa com este(a), para mapear qual a percepção deste(a) a chegada de um(a) irmão(irmã), e como a família está se preparando (PAIVA, 2005).

O(a)s psicólogo(a)s que atuam neste processo devem estar atento(a)s como este(a) pretendente está lidando com a ideia de adoção, quais são as projeções que

este(a) filho(a) irá enfrentar quando for adotado(a). A mesma ideia ocorre quando se tem a concepção de um(a) filho(a) biológico, desde o conhecimento da gestação até o nascimento se constrói histórias para essa criança, que serão projetadas quando nascer (PAIVA, 2005).

Essas questões devem ser mapeadas dentro da avaliação psicológica, mas podem/devem ser discutidas ao longo do processo de adoção, por isso são de grande importância os grupos de apoio à adoção, para que se tenha um local no qual essas pessoas possam discutir, entender e pensarem sobre todas as questões do ato de adotar.

Estes grupos começaram a ser organizados no Brasil a partir do final da década de 90, alguns anos após o estabelecimento do ECA e a necessidade de mudança da cultura sobre a adoção. Estes grupos são importantes porque:

O preparo dos pretendentes à adoção envolve a discussão de aspectos psicossociais e jurídicos, culturais, educativos e a reflexão sobre os preconceitos e as discriminações que permeiam o imaginário social. Este trabalho não deve ter o objetivo de analisar ou avaliar os candidatos, mas de prepará-los para lidar com as questões do processo, da espera, do acolhimento e da construção dos vínculos afetivos que podem levar à integração da criança adotiva na família. Com a experiência no grupo, os pretendentes podem ressignificar conflitos e afetos, trabalhar sentimentos e emoções despertados pelo processo de adoção, além de trocar vivências com outras pessoas que passam pela mesma situação, desmistificando alguns conteúdos, revendo preconceitos, o que contribui para alterar a diferença entre o perfil de crianças que os candidatos buscam com o perfil de crianças a serem adotadas (SEQUEIRA; STELLA, 2014, p. 70).

Esse foi o objetivo de nossa participação junto ao Grupo de Apoio à Adoção (GRAATA) de Três Lagoas/MS, o qual iniciou suas atividades no dia 11 de maio de 2011, a partir a iniciativa da Juíza de Direito da Vara da Infância e da Juventude, Dra. Rosângela Alves de Lima Fávero, suas reuniões são mensais e ocorrem sempre na primeira terça-feira do mês, em média com 25 participantes.

2 OBJETIVOS

O objetivo deste trabalho é problematizar sobre a importância dos grupos de apoio à adoção para as pessoas que tenham o desejo em adotar, com ênfase nos temas desejo, motivação, luto e revelação.

3 MATERIAL E MÉTODOS

Para este trabalho, utilizamos como método revisão bibliográfica e estudo de caso. Realizamos as discussões a partir de dois encontros/palestras realizados junto ao Grupo de Apoio à Adoção (GRAATA) de Três Lagoas/MS, nos meses de maio e outubro.

4 PROBLEMATIZANDO SOBRE GRUPO DE APOIO A ADOÇÃO

A primeira palestra no Grupo de Apoio a Adoção Ato de Amor (GRAATA) foi realizada no dia 8 de maio de 2018, tendo como tema "Desejo, motivação, luto e adoção", e um dos principais objetivos foi possibilitar uma discussão sobre os motivos que levaram os participantes a entrarem no processo de adoção.

Para o primeiro encontro utilizamos a dinâmica da "Árvore", na qual foram entregues papéis e canetas para cada participante com a orientação de escreverem qual a motivação/desejo que os levaram a pensarem na adoção. Depois que todos escreveram foi pedido para colocarem na caixa onde tinha a árvore, após este processo foi solicitado que retirassem um papel aleatório e que refletissem sobre as diversas motivações para adoção, colocadas por outros participantes, pensando em todos os aspectos que envolvem esse processo, todo o processo foi anônimo, não deveriam colocar seus nomes.

Durante a discussão todos que estavam presentes contaram suas experiências pessoais referentes ao processo e alguns sobre a adoção já realizada, relataram suas principais motivações para entrarem no processo de adoção. Foi um momento em que os participantes se sentiram à vontade para expressarem seus sentimentos e pensamentos referentes ao tema que foi proposto.

Após a realização da dinâmica utilizamos o embasamento teórico, a partir dos autores Cecílio e Scorsolini-Comin (2016), Gondim et al. (2008) e Otuka, Scorsolini-Comin e Santos (2012); relacionando a dinâmica com a teoria, buscando trabalhar com a real motivação para a adoção, falando de todos os cuidados para a relação de uma família, a necessidade da preparação dos pretendentes, bem como também do ambiente para receber o(s) filho(s).

O segundo encontro foi realizado no dia 02 de outubro de 2018, com tema "Revelação", e para este foi proposto também a palavra "contar". Tendo como objetivo

possibilitar uma reflexão e uma discussão sobre a importância da revelação aos filhos sobre a adoção.

Um dos métodos utilizados durante a palestra foi a dinâmica do “quem sou eu?”, levamos fotos de diversas pessoas conhecidas. Essa dinâmica consistia em colocar duas pessoas de costas uma para a outra e as duas foram orientadas a pegarem uma foto dentro da caixa sem que o parceiro pudesse olhar o personagem que o outro pegou, depois deveriam colar o personagem nas costas do seu parceiro. Então deveriam tentar adivinhar qual personagem estava colado em suas costas, para isso poderia fazer perguntas para tentar adivinhar, e o seu parceiro poderia apenas responder “sim” ou “não”. E quem descobrisse o seu, deixaria os outros tentarem adivinhar.

Muitas pessoas tiveram dificuldades para acertarem o personagem com pouca informação que obtiveram durante as perguntas. O foco principal da dinâmica foi possibilitar reflexão acerca da importância da revelação e apontando que é inerente aos seres humanos conhecerem suas histórias, que necessitamos conhecer nosso passado para nos integrarmos.

Foi utilizado o embasamento teórico relacionando com a dinâmica, afim de possibilitar discussão e reflexão acerca da importância de todo sujeito conhecer e ouvir sobre sua história de vida, mesmo aquelas mais trágicas, pensando que essa deve ser apresentada conforme a idade da criança permite que assimile todas informações. E principalmente quando se trata de um filho adotivo, tendo assim a necessidade de contar e fornecer informações sobre sua origem.

Durante as discussões foi deixado um momento para que os pretendentes refletissem que o ato de “revelar” pode estar ligado a dificuldade dos próprios pais em conversar sobre o assunto, tendo dificuldades em transmitir aos seus filhos informações referentes à sua origem. Trazendo a importância da preparação dos pais em lidar com o tema, para que tudo possa ser transmitido com naturalidade ao filho.

Discutimos que o não “contar” / “revelar” pode ocasionar um sentimento de traição, abrindo um espaço para que a criança/adolescente pense que muitas situações foram mentiras, fantasiando ou imaginando que seus pais estavam escondendo algo importante, podendo trazer complicações nas relações entre pais e filhos.

Durante a discussão os participantes contribuíram positivamente, relatando

sobre suas vivências e experiências. Alguns relataram suas vivências acerca da não revelação, trazendo ao grupo suas experiências e consequências emocionais, contribuindo assim para ressaltar a importância de revelar ao filho sobre sua origem, mesmo que a criança ainda não compreenda muito o que é adoção. Para finalizar levamos alguns exemplos de livros que podem auxiliar nessa fase da revelação.

Ao final foi enfatizado que o processo de revelação deve ser feito com naturalidade, e que esse processo é indicado desde que a criança está sendo inserida dentro do novo âmbito familiar, para que conforme vai se desenvolvendo consiga entender que sua participação na família foi desejada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desse trabalho foi possível compreender a importância de orientar os pais que estão no processo de adoção, sobre a importância da revelação. Que o “contar” faz parte de todo o processo e que se faz necessário. A experiência foi significativamente positiva para todos os envolvidos, além da compreensão acerca do desenvolvimento psicológico de crianças que passam por processo de adoção e dos adultos que entram na fila de espera.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente, Câmara dos Deputados, Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. DOU de 16/07/1990 – ECA. Brasília, DF.

CECÍLIO, M. S.; SCORSOLINI-COMIN, F. Parentalidades adotiva e biológica e suas repercussões nas dinâmicas conjugais. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 36, n. 1, p. 171-182. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v36n1/1982-3703-pcp-36-1-0171.pdf>>. Acesso em 03 maio. 2018.

GONDIM, A. K.; CRISPIM, C. S.; FERNANDES, F. H. T.; ROSENDO, J. C.; CABRAL DE BRITO, T. M.; BRITO DE OLIVEIRA, U., NAKANO, T. C. Motivação dos pais para a prática da adoção. *Boletim de Psicologia*, LVIII v. 129, p. 161-170, 2008. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bolpsi/v58n129/v58n129a04.pdf>>. Acesso em 03 maio. 2018.

OTUKA, L. K.; SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTOS, M. A. Adoção suficientemente boa: Experiência de um casal com filhos biológicos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 28, n. 1, p. 55-63, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v28n1/07.pdf>>.

Acesso em 03 mai 2018.

PAIVA, L. de D. O psicólogo judiciário e as “avaliações” nos casos de adoção. In: SHINE, S. (Org.). Avaliação psicológica e lei: adoção, vitimização, separação conjugal, dano psíquico e outros temas. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 73-112, 2005.

SEQUEIRA, V. C.; STELLA, C. Preparação para a adoção: grupo de apoio para candidatos. Revista Psicologia: teoria e prática, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 69-78, jan./abr., 2014.